

RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO: A UTILIZAÇÃO DO LUGAR SOCIAL E DA REALIDADE DOS ESTUDANTES COMO BASE PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Natália Yolanda de Carvalho Araújo ¹

Resumo: O artigo discute ferramentas para construção de educação no contexto da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, dissertando sobre a necessidade de o ensino ser pautado na realidade dos estudantes, nas suas experiências e conhecimentos enquanto seres sociais, saberes os quais possuem caráter potencial de atuação enquanto base para discussões sociológicas em sala. O trabalho objetiva relatar experiência de atuação enquanto bolsista do Programa de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a partir da utilização do método etnográfico, pesquisa quantitativa e de observação participante na escola, visa fazer uso do potencial presente nas vivências dos alunos para ressignificar práticas de ensino de Sociologia e o próprio ensino público. Com base no conceito de educação libertária de Paulo Freire e de cultura popular de Michel de Certeau ao discuti-los enquanto complementares, o trabalho apresenta como resultados a compreensão da cultura dos estudantes e da sua experiência com meios digitais. Esses aspectos são apresentados como combustível para atividades propostas em aulas da disciplina, assim como a realização de trabalho final de unidade pensados/discutidos com os estudantes e a partir deles.

Palavras-chave: Educação, Sociologia, Cultura, Ensino.

INTRODUÇÃO

No presente artigo é relatada a experiência da autora enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Estadual Prof. José Fernandes Machado, popularmente conhecida como “Machadão”. O PIBID oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais das universidades federais em escolas públicas com objetivo de antecipar o vínculo entre os futuros docentes e as salas de aula da rede pública. Realiza, dessa forma, uma articulação entre a formação do ensino superior e a realidade das escolas da rede pública, o que abre margem para se repensar a atuação e formação docente.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o PIBID atua em diversas áreas da graduação dos cursos de licenciatura, dentre elas o curso de Ciências Sociais, com ênfase na disciplina de Sociologia que é oferecida aos alunos do ensino médio das escolas públicas do Estado do Rio Grande do Norte. A partir dele, se desenvolveram os primeiros contatos de futuros docentes com a escola.

¹ Graduanda do Curso de Ciência Sociais- UFRN, natalia_yolanda@hotmail.com;

O trabalho utiliza como base a pesquisa bibliográfica acerca dessa escola, mas principalmente do método etnográfico elaborado pelo antropólogo Malinowski como alicerce primordial para pensar uma escola e a atuação de professor. A partir disso, o trabalho é norteado pelas perguntas: “Por quem essa escola é formada?”, “Quais os seus conhecimentos e sua realidade social?”, e finalmente, com base nesses aspectos, discute formas de construir uma educação libertária.

A pesquisa visa discutir essas perguntas sob a luz de três aspectos: a cultura popular dos alunos (com ênfase na sua identidade cultural); a reforma da escola como transformadora de relações e de realidades do corpo escolar; e a utilização de meios digitais como auxiliares do ensino. Esses fatores podem contribuir de forma fundamental para a formação docente e objetivam aliar conteúdo e prática numa perspectiva emancipadora para o educando e para o educado.

O conceito de educação libertária do educador Paulo Freire surge na concepção de romper com o modelo bancário da educação. Para atingir esse resultado, a pesquisa faz uso do conceito de cultura popular aliado a educação de Michel de Certeau, pretendendo realizar uma atuação que seja resultado de uma união de saberes antropológicos, sociológicos e pedagógicos para construir atividades na escola e formar uma prática docente libertária, o que gera um conhecimento conjunto entre professor e aluno com base na sua realidade, repleta de aspectos que podem e devem ser base para atuação docente independente da disciplina.

Nessa perspectiva, a pesquisa compreende a realidade da escola e como a sua juventude (especialmente do ensino médio) se expressa. O trabalho problematiza esses aspectos no sentido de buscar alternativas de atuação que utilizem a realidade da situação física de descaso, a violência presente na instituição, a existência de brigas, tráfico de drogas, para construir o processo educativo e emancipar o sujeito nesse sentido, ressignificando o ensino.

METODOLOGIA

A pesquisa é construída inicialmente com um levantamento bibliográfico para analisar a instituição de forma quantitativa, estrutura física, quantidade de alunos, as notas deles no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), etc. Os dados foram obtidos por meio da Secretaria Estadual de Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte e do Censo, ambos

com versão mais recente do ano de 2018. A pesquisa fez uso da *internet* para buscar mais informações e notícias sobre a instituição.

Esses aspectos são fundamentais para entender qual a visão geral da escola no âmbito governamental e social, sendo possível o conhecimento de casos de tráfico de drogas e assalto que possibilitam conhecer ainda mais o campo da pesquisa.

Posteriormente, é realizada a pesquisa de campo, ferramenta principal para compreensão da escola. Por meio do método etnográfico e da observação participante na sala de aula nas quatro turmas de ensino médio da instituição (1º ano, 2º ano “A”, 2º ano “B” e 3º ano), como também no intervalo das aulas em que ocorre a interação dos alunos da escola em conjunto, foi possível compreender seu contexto real e dos estudantes de forma mais ampla, baseados no seu dia a dia.

Foram realizadas também conversas com funcionários e estudantes, assim como um questionário quantitativo com os últimos sobre a utilização dos meios digitais. Por fim, a partir desses aspectos são pensadas atividades em sala a serem desenvolvidas com os alunos nas duas primeiras unidades do ano de 2019 para que eles pensem a sua situação social e dos outros; como também um trabalho em grupo com o terceiro ano e segundo ano “A” do ensino médio, utilizando vídeos com temáticas elaboradas por eles que discutem, por meio de entrevistas e pesquisas realizadas por esses as realidades das suas juventudes, da educação e do seu lugar social.

DESENVOLVIMENTO

Claudia Fonseca (1999) coloca que é preciso analisar os sujeitos da pesquisa levando em consideração o seu contexto social, o qual contempla cultura, a sua situação histórica e a linguagem, e nessa perspectiva, a etnografia é utilizada para compreender essas realidades. Além dela, são analisadas como importantes as pesquisas bibliográfica e quantitativa, mas a etnografia é ferramenta fundamental seguindo a concepção do seu idealizador Malinowski, pesquisador da cultura e hábitos de povos considerados nativos que discorre sobre a importância do método etnográfico e de realizar uma observação participante convivendo no campo a ser estudado:

[...] Em outras palavras, há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade. A esses fenômenos podemos dar o nome de os imponderáveis da vida real. [...] nesse tipo de pesquisa, recomenda-se ao etnógrafo que de vez em quando deixe de lado máquina

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo. Ele pode tomar parte nos jogos dos nativos, acompanhá-los em suas visitas e passeios, ou sentar-se com eles, ouvindo e participando das conversas. (MALINOWSKI, 1976, p. 33-35)

A pesquisa dessa forma, utiliza do método forjado pelo antropólogo em 1922 numa perspectiva de compreensão da escola e da educação que entenda os sujeitos como possuidores de uma cultura popular própria que é base para o aprendizado deles, o que é dissertado por Certeau:

[...] a criança escolarizada aprende a ler paralelamente à sua aprendizagem da decifração e não graças a ela: ler o sentido e decifrar as letras corresponde a duas atividades diversas, mesmo que se cruzem. Noutras palavras, somente uma memória cultural adquirida de ouvido, por tradição oral, permite e enriquece aos poucos as estratégias de interrogação semântica cujas expectativas a decifração de um texto afina, precisa, corrige. Desde a leitura da criança até a do cientista, ela é precedida e possibilitada pela comunicação oral, inumerável “autoridade” que os textos não citam quase nunca. (CERTEAU, 1994, p. 263-264).

Esses aspectos são utilizados numa busca de ressignificar o processo educador, no qual a transformação é necessária para a liberdade e para a construção conjunta do conhecimento: “Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.” (Freire, 1987, p.58).

O autor e seu conceito de educação libertária são alicerce para pensar o artigo e uma atuação que não vise reproduzir a lógica bancária da educação, mas que veja os alunos como possuidores de uma cultura popular e conhecimentos base para uma educação libertária, que emancipe o sujeito. Freire acerca disso, coloca: “[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente (grifos do autor).” (FREIRE, 1987, p.68).

Sendo assim, a análise da realidade dos estudantes é aspecto essencial para a transformar a docência, libertar educado e educador do processo bancário. A discussão da realidade e a coragem da busca por alternativas diferentes de construção do saber em sala de aula é discutida por Freire (1999) como ato de amor e coragem que deve ter presente o debate e a análise da realidade. A educação na pesquisa é abordada como processo conjunto entre professores e alunos no sentido de romper com a farsa educacional (Freire, 1999), construir um ensino libertário e emancipador dos sujeitos presentes nesse processo. Dessa forma, a pesquisa discorre sobre meios sociológicos para realização disso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A instituição foi fundada em 1982 e localiza-se na zona sul de Natal, um bairro predominantemente de classe média e de lojas, características que não fazem desse o perfil social majoritário dos estudantes. O nome da escola é em homenagem ao padre natalense José Fernandes Machado, indiciado em inquérito policial militar em 1964 pela sua participação em atividades subversivas, o que lhe deu uma ficha na Secretaria de Estado do Interior e Segurança na seção de informações do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). A escola possui alunos do Ensino Fundamental, EJA (Educação de Jovens e Adultos) e Ensino Médio, o qual é o público alvo da pesquisa.

A sua infraestrutura é composta por 27 salas de aula, cozinha, biblioteca, refeitório, despensa, almoxarifado, auditório, pátio coberto, quadra de esportes coberta e descoberta, sala de diretoria, sala de professores, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), sala de secretaria, sala de leitura, laboratório de informática, laboratório de ciências, banheiros no prédio, chuveiros e área verde. O prédio é composto por dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, mas não contém sanitários acessíveis aos portadores de deficiência; o corpo escolar possui 89 funcionários.

A escola estadual detém como equipamentos 8 computadores administrativos e 10 para uso de alunos, além de TV, DVD, antena parabólica, copiadora, impressora, aparelho de som, projetor multimídia, fax e câmera fotográfica/filmadora. A instituição fornece alimentação escolar para os alunos e funciona com base na energia e água da rede pública, fazendo uso de fossa. Além disso, conta com acesso à Internet e Banda larga. Todos os dados citados anteriormente referentes a instituição correspondem a informações apresentadas no Censo 2018.

A instituição apresenta um desempenho baixo no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) em relação não apenas à média das escolas da cidade como também as do Brasil, segundo dados fornecidos pelo Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). A média da escola gira em torno de 479 pontos, a média da cidade é 505,43 e a do Brasil é 506,28 segundo dados de 2018. Dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2017, apontam que a cada 100 alunos matriculados na escola, 69 não foram aprovados seja por abandono ou reprovação.

A escola é formada por uma diversidade de estudantes. O bairro de Ponta Negra, no qual se localiza a escola, é um bairro na classe média alta de Natal, próximo a praias e empreendimentos econômicos. Contudo, apesar de existirem estudantes que moram em prédios residenciais vizinhos, a maioria dos estudantes vem para a escola de ônibus pagando sua passagem ou no ônibus ofertado pela Prefeitura de Natal que vem da Vila de Ponta Negra, comunidade carente do bairro da zona sul, os alunos, portanto, são de classes com menor poder econômico. A partir da pesquisa de campo, também é perceptível que maioria dos discentes são negros e possuem diferentes vestimentas, hábitos musicais, o que também se abrange às expressões sexuais dos alunos.

Na pesquisa de campo, nota-se que a escola possui uma área muito grande, mas mal aproveitada. A infraestrutura é enferrujada e um bloco de aulas, assim como os banheiros se encontram em reforma, o que é uma realidade discutida (e presenciada) em sala de aula ao se trabalhar temas de “Educação” e “Desigualdade social e Globalização” no 1º ano e 2º ano turma “B”, respectivamente.

É importante ressaltar que os alunos realizam no dia 12 de junho de 2019, uma manifestação em prol da continuidade da reforma na escola com diversos cartazes, sendo o ato divulgado por imprensa local que foi a escola noticiar o ocorrido, fato que pode ser visto na Figura 1. Isso também foi discutido em todas as salas do ensino médio.

Figura 1: Manifestação dos estudantes em canal de tv local



Fonte: Acervo próprio

Para analisar as possibilidades de atuação que foram pensadas, realizou-se um questionário com os estudantes do ensino médio para compreender a sua utilização dos meios

digitais, que são escassos na escola, a qual conta com a maioria de seus computadores quebrados e 2 projetores que ficam inoperantes regularmente, inclusive no momento de envio do artigo. A Tabela 1 representa a compilação das informações obtidas:

Tabela 1: Utilização de meios digitais pelos estudantes

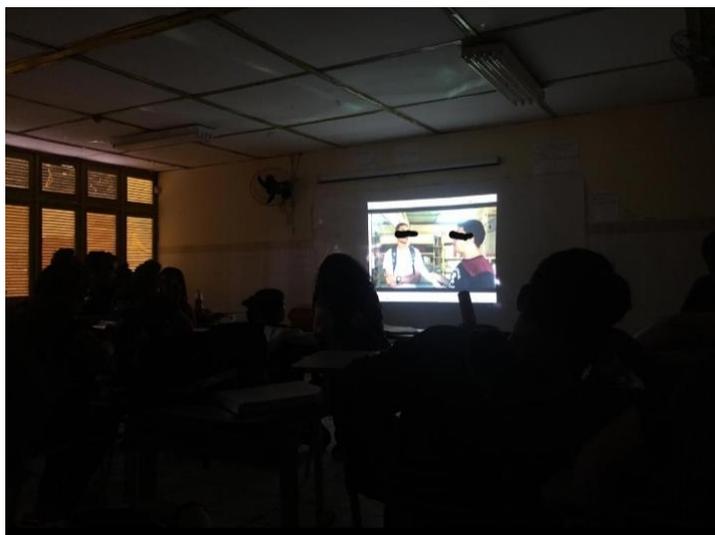
Em casa, quais suas formas de acesso à internet?	1° Ano	2° Ano A	2° Ano B*	3° Ano	Total
Celular próprio	8	13	7	18	46
Computador/notebook próprio		2	2	4	8
Computador/notebook de parentes		1			1
nenhuma		1			1
total de votos por turma	8	17	9	22	56
Alunos que votaram por turma	8	14	6	18	46

Fonte: Acervo próprio.

A partir disso, foi discutido em cada sala do ensino médio a utilização dessas plataformas digitais como auxiliares ao ensino e dos processos de aprendizagem dos alunos. Pelas condições precárias da instituição nesse quesito e para aproveitar os aparelhos digitais que os próprios estudantes já utilizavam, foi desenvolvido com o 2º ano “A” do ensino médio e com o 3º ano, um trabalho em grupo no qual os sujeitos utilizaram seus próprios celulares para gravar entrevistas ou realizar pesquisas com os temas “Educação” e “Juventude: um tempo de preparação e responsabilidade” respectivamente.

Os resultados das apresentações podem ser observados nas Figuras 2 e 3.

Figura 2: Apresentação dos trabalhos no 3º ano



Fonte: Acervo próprio

Figura 3: Apresentação dos trabalhos no 2º A



Fonte: Acervo próprio

Essa atividade foi feita pelos estudantes e eles escolheram realizar o trabalho a partir de diversos sujeitos: outros alunos, funcionários, a diretora da escola, sujeitos externos à instituição; o que visou discutir a educação pública, o uso de drogas pelos jovens/violência na escola, gravidez na adolescência e sua relação com a escola, a trajetória de jovens LGBT's para se assumir, dificuldades enfrentadas na juventude, etc.

Os trabalhos foram realizados através de entrevistas ou questionários e apresentados nas turmas pela forma de vídeo através de um projetor. Os alunos se colocaram na posição de entrevistadores, pesquisadores e cineastas, mas pesquisaram sobre a sua própria realidade social e cultural em todos os casos a partir de sua própria escolha: tinham amigas ou familiares que engravidaram muito jovens, presenciavam a violência e o tráfico de drogas na escola e no decorrer da sua trajetória, são LGBT's, dentre outros motivos.

Dessa forma, dar liberdade de atuação aos estudantes é possível e preciso no modelo atual de educação, no qual o professor é tido como único detentor do conhecimento a ser utilizado em sala de aula. A pesquisa quantitativa e a etnografia são fundamentais para entender qual o contexto da escola, desde funcionários até os alunos, por serem práticas que situam o professor na instituição e orientam a sua atuação, mas esses conhecimentos precisam ser aplicados na construção do ensino com os estudantes, já que eles próprios são sujeitos com lugares sociais que podem ser trabalhados em sala.

Pelo resultado da liberdade de escolha dada aos alunos, é possível perceber que eles optaram por construir as discussões em sala com base nas suas realidades. Dessa forma, a

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

ressignificação das práticas de ensino atuais culmina de forma natural nos saberes dos estudantes, para que exista uma troca de saberes em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa, foi possível perceber que a utilização da realidade do aluno para discutir temáticas próprias do ensino médio, transformam a perspectiva de atuação e ensino que são construídas majoritariamente de forma bancária, sendo necessária de forma cada vez mais ampla a universalização de práticas libertadoras para as disciplinas escolares.

Apesar da precariedade da instituição física e de equipamentos para trabalho do professor, a cultura presente nas escolas é rica e extensa, rendendo discussões sociológicas e nas áreas de humanas, mas também abrindo possibilidade para enredo de questões matemáticas ou de reações químicas e físicas presentes no ambiente para além da sala de aula. A cantina por exemplo, pode se tornar um espaço de discutir reações químicas, e a quadra ao se jogar bola, proporciona discutir o conceito físico de força, dentre outros diversos exemplos.

As oportunidades de um considerável número de escolas na rede pública do Brasil, inclusive da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, fazem com que professores enfrentem dificuldades para dar aula e para construir o saber com os estudantes. Muitas escolas não oferecem aparelhos tecnológicos ou laboratórios em comparação com a rede privada por exemplo, mas é possível perceber com essa pesquisa que se pode fazer da própria escola, das realidades e práticas dos alunos o laboratório docente e discente de construção conjunta do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVOS UFRN. Diagnóstico EE Prof José Fernandes Machado Disponível em: <arquivos.info.ufrn.br/arquivos/.../Diagnostico_EE_Prof._Jos_Fernandes_Machado.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2019.
- DE CERTEAU, M. de A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DHNET. Militantes reprimidos no Rio Grande do Norte: José Fernandes Machado. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/verdade/rn/combatedentes/machado/index.htm>>. Acesso em 10 de setembro de 2019.
- ESCOLA.AS. Ee Prof José Fernandes Machado Ens 1 e 2 gr. Disponível em: <<https://www.escol.as/78113-ee-prof-jose-fernandes-machado-ens-1-e-2-gr>>. Acesso em 10 de setembro de 2019.
- FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação, v. 10, 1999
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17^a ed. (1^a edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MELHOR ESCOLA. Ee Prof José Fernandes Machado Ens 1 e 2 gr. Disponível em: <<https://www.melhorescola.com.br/escola/ee-prof-jose-f-machado-ens-1-e-2-gr>>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

QEDU. Ee Prof José Fernandes Machado Ens 1 e 2 gr. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/escola/73549-ee-prof-jose-fernandes-machado-ens-1-e-2-gr/censo-escolar>>. Acesso em 20 de setembro de 2019.

SIGEDUC. Monitoramento da Educação: Secretaria do Estado de Educação do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<https://sigeduc.rn.gov.br/sigeduc/public/transparencia/pages/home/portal.jsf>>. Acesso em 10 de setembro de 2019.